

Contra os Pintores

UMA vez eu chegava de Paris e trazia duas modestas malas que o homem da Alfândega mandou que eu abrisse. Em uma delas havia seis pequenos vasos de Murano antigo que eu comprara por qualquer coisa correspondente a mil cruzeiros. O homem da Alfândega impicou com aquilo; mandou pôr os vasos de lado para depois fazer o cálculo do que eu tinha de pagar de direitos. Aleguei que eram coisas muito baratas que eu trouxera para presentear amigos e disse quanto me haviam custado. O homem me lançou um olhar irônico, como se eu estivesse querendo enganá-lo, e disse que me atenderia depois de revistar as bagagens de outros passageiros.

Sou pessoa de muita paz, e me conformei. Logo depois de mim vinha um cavalheiro com cerca de 15 malas enormes. O funcionário da Alfândega fez-lhe uma reverência e riscou a giz todos os volumes sem abrir nenhum. Perguntei-lhe se o homem era algum embaixador. Não, era o senador Fulano (o que eu sabia muito bem).

Do fundo de minha humildade nasceu aquela onda de revolta incoercível: exigi que abrissem as malas do senador, todas as malas, ele não tinha mais direito do que eu, etc., etc. Acabei armando uma encrenca tão grande que cheguei a ouvir voz de prisão, e afinal, depois de enorme bate-bôca a que aderiram outros passageiros, (a meu favor) os cristais me foram devolvidos.

Conto esse fato antigo e banal exatamente porque ele é banal e de observação cotidiana: todos são desiguais perante a lei... da Alfândega. Um, passa fagueiro com moamba grossa; outro, tem de suar para pagar por uma ninharia qualquer. É exatamente por saber — quando não ver — que a lei não funciona para todos, que os passageiros sentem revolta ao serem taxados, ou terem alguma mercadoria apreendida.

Mas — justiça seja feita à nossa Alfândega! — essa desigualdade odiosa não funciona para os artistas. Os pintores, por exemplo, são todos iguais perante a lei, isto é: estão todos condenados a sofrer todos os vexames, todas as delongas, todas as exigências, todas as extorsões legais ou extra-legais. Nossos honrados funcionários aduaneiros não distinguem acadêmicos de modernos, figurativos de concretistas: envolvem no mesmo ódio zoológico toda essa espécie de pintura. O que narrei há tempos a respeito de uns quadros de Di Cavalcanti está acontecendo com obras de Portinari, Saldanha, Da Costa, etc.

A Alfândega leva meses com esses quadros no depósito e depois, quando fica boazinha em vista dos pistoões, etc., entrega os quadros com uma enorme conta de armazenagem. Isso faz com os pintores brasileiros; imaginem os vexames que não passam os pobres pintores estrangeiros nesta bendita terra em que, entretanto, se pode importar uisque a meio dólar...